

IMAGENS DO REAL NA ERA DA PÓS-VERDADE

IGOR VINÍCIUS SOARES ALMEIDA¹;
RENATA AZEVEDO REQUIÃO²;

¹*Universidade Federal de Pelotas* – almeida-igor@hotmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas* – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de uma pesquisa poética em Artes Plásticas, voltada para um interesse do Real dentro da imagem fotográfica, e sua repercussão no mundo embriagado de imagens digitais em que vivemos atualmente. Aqui me proponho a investigar reações da arte perante a predominância da imagem digital distribuída via internet, que remodelaram nossas subjetividades à uma velocidade que nos colocam numa posição urgente de questionamento quanto a seu impacto em nossa subjetividade. Por tal urgência, percebemos sua dificuldade de teorização, situação análoga ao que Walter Benjamin enfrentou diante do advento da fotografia e do cinema, apesar da distância e os contextos completamente diferentes ao do atual. Mas a Arte tem um senso de urgência excelente para agir na contemporaneidade e é através dela, olhando para o trabalho de Hito Steyerl e Trevor Paglen que é possível ir em busca de encontrar o lugar que a imagem como representação do real assume na era da pós-verdade, me baseando nos ensaios de Hal Foster sobre esse tema em *O que vem depois da farsa?* (2021), no qual ele afirma a necessidade de insistência dos artistas na realidade, sob uma perspectiva Brechtiana de estranhamento, para que se possa vê-la de forma nova.

2. METODOLOGIA

Esse texto será pensado sobretudo a partir das discussões provocadas por Hal Foster, acerca das Imagens operacionais com seu caráter de intervenção no mundo, me detendo na análise de trabalhos de Hito Steyerl e Trevor Paglen, pensando nas implicações teorizadas pelo texto “Em defesa da Imagem Pobre” de Steyerl. Seu texto é o manifesto de uma atitude extrema de abraçar a alienação dentro desse mundo de imagens e linguagens empobrecidas, e apelo de uma prática artística atrelada à construção teórica e filosófica. Tal interesse visa pensar a repercussão em minha própria prática artística, também interessado pelo mundo das imagens sob uma perspectiva de estranhamento do real. Mas sendo considerado por Foster como apenas um sintoma do atual estado de coisas que vivemos, cabe à minha prática apontar para possíveis soluções.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Hal Foster aborda a problemática de como os artistas podem lidar com o dilema duplo da pós-verdade e da pós-vergonha, abordando uma realidade em que os mentirosos e os faladores de ‘merda’ (sic) vivem sob uma razão cínica em que ignoram suas próprias contradições. (Foster, 2021) Hoje vivemos em um momento em que as contradições apontadas pelo Materialismo Histórico Dialético de Marx se acirram cada vez mais dentro da fase Neoliberal do capitalismo, mas, em contrapartida, Foster aponta como a direita tem assumido um papel transgressor que originalmente era da esquerda, um paradoxo que representa um dilema sobretudo para o papel transgressor do artista, que se vê obrigado a defender uma ordem que não lhe é favorável. É em meio a isso que Foster vai defender a necessidade de se insistir no Realismo, numa concepção de Brecht: “insistir na realidade, mas ao mesmo tempo estranhá-la” (ibid, 2018). Assim, me questiono, como insistir na realidade, como forma de se exigir uma sobriedade, um compromisso com o fato perante a sociedade? Como mostrar ao mundo aquilo que é universal, que atravessa a todos, aquilo que nos torna humanos, do momento em que direitos humanos são questionados? Trata-se de uma questão baseado sobretudo em, como conviver com o outro, ou nos termos de Jacques Rancière, como “partilhar o sensível”.

Em seu texto “In defense of poor image” Hito Steyerl toma a posição radical de nos tornamos coisas diante da vulgaridade e falsidade que se tornou o mundo de circulação das imagens. Trata-se da tentativa de redefinir qual é o lugar que a imagem toma hoje diante do excesso de circulação de informação impulsionada pelas redes, em que a economia de atenção exerce pressão sobre o mundo da produção de imagens e torna a sua transitoriedade e impermanência em nossa memória cada vez mais latentes, e assim empobrecidas. (STEYERL, 2009)

É nesse terreno movediço que cabe aos artistas se questionarem em como as imagens podem construir uma solução para esse excesso de imagens. Pode uma imagem se sobressair perante muitas? Que critérios ela deve buscar construir para se colocar diante desse fluxo ininterrupto de informação? Ou, nos termos que Hal Foster coloca, como uma imagem é capaz de provocar uma comoção, de constituir um pathos, num mundo em que cada vez mais a imagem está dessensibilizada, e a sua contemplação se transmutou em distração?

Essa dessensibilização nos mostra a face paradoxal da liberdade irrestrita de informação. Para aqueles fotojornalistas que viveram a repressão dos anos do nazifascismo em que o estado se apropriou do cinema e da imprensa com fins de controle da imagem, só poderiam ansiar por dias em que a informação circulasse livremente para que as foto-denúncias dos crimes de estado pudessem chegar às massas e a indignação contra os opressores finalmente provocada. Tão decepcionados estariam ao saber que logo no século seguinte, a informação circularia numa difusão de esferas de assuntos, tornando qualquer tentativa de denúncia inócua e inefetiva. Dentro dessa política do excesso, Trevor Paglen tem interesse em explorar as marcas do invisível sob uma sociedade de tecnologia de dados controlados pelo governo e pelo exército. Suas fotos buscam retratar Lugares e locais à serviço da Inteligência dos EUA que não podem ser fotografados, Paglen materializa o que

está oculto em nosso imaginário cibernético: seu repertório visual investiga movimentos de satélites secretos no espaço (figura 1), bases militares secretas do exército, à partir de uma longa distância que permite a fotografia (figura 2), ou redes de cabos de transmissão de dados submarinos. A questão é que sua intenção não trata de produzir provas contra um governo que poderia persegui-lo sob acusações de traição, mas sim de revelar o “conjunto de limitações sobre o que pode ser visto, representado e conhecido.” (FOSTER, 2022) Seu interesse é revelar camadas do invisível que nos rodeia, ensinando as pessoas modos de olhar para essas camadas, apontando para o mundo oculto das imagens. Sobre isso Foster problematiza a distração da crítica cultural que ignorou o fator decisivo da roteirização algorítmica da informação, e se pergunta o que poderá nos capacitar para o este estranho mundo de hoje. Mas o fato é que uma arte como a de Paglen que apela aos aspectos mais subjetivos de uma paisagem para revelar o caráter mais sombrio de nossa evolução tecnológica, parece ter, em seu caráter subversivo, a chave para definir caminhos para uma arte contemporânea que questiona as faces mais absurdas da nossa existência.



Figura 1: Trevor Paglen. *The Other Night Sky*, 2018. Fotografia digital. Figura 2: *The black sites, Open Hangar in Nevada*. 2006. Fotografia digital.

4. CONCLUSÕES

Insistir no realismo dentro da arte pode alcançar um fôlego e assumir seu papel contundente abraçado pelas tecnologias avançadas da imagem que permitem

intervenções criativas sobre os limites que o mundo nos impõe. E é somente através de um olhar crítico às situações mais alarmantes que a sociedade enfrenta, que por não encontrar respostas de atores sociais, caberá aos artistas apontarem prenúncios de caminhos futuros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Revista

FOSTER, H. Retornar ao real. **Revista Bravo!**. São Paulo. Pós-Verdade, p.60-63, 2019.

Capítulo de livro

FOSTER, H. Telas Estilhaçadas. In: FOSTER, H (2021.) **O que vem depois da farsa?**. São Paulo: Ubu editora, 2021. Capítulo 15, pág 137 – 145.

Documentos eletrônicos

STEYERL, H. . **In defense of poor image**. Revista E-flux Edição número 10: Berlim, novembro de 2009. Acessado em 07 jul. 2022. Online. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/10/61362/in-defense-of-the-poor-image/>